

“A crise da dívida ainda não acabou”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York

“Nós consideramos que a situação hoje é muito melhor do que era em 1982, mas nenhum de nós diria que a crise da dívida dos países menos desenvolvidos já acabou”, disse na sexta-feira a este jornal um banqueiro de Nova York, com assento no comitê assessor de bancos para o Brasil, Argentina e outros países.

O banqueiro respondia a uma questão sobre a enfática declaração do presidente da Federal Deposit Insurance Corporation (FDIC), L. William Seidman, uma das maiores autoridades monetárias do governo dos Estados Unidos, diante da Comissão de Bancos, Finanças e Assuntos Urbanos da Câmara dos Deputados, na última quinta-feira.

Seidman disse que mesmo que os bancos descartem de seus ativos todos os empréstimos dos seis maiores países em desenvolvimento endividados (Brasil, Argentina, México, Chile, Filipinas e Venezuela), mesmo assim eles não irão à bancarrota.

O presidente da FDIC referia-se aos nove maiores bancos dos EUA, os chamados “money center banks”: Bank of America, Manufacturers Hanover, Continental Illinois, Bankers Trust, J. P. Morgan, First Chicago, Chase Manhattan, Chemical e Citibank. O banqueiro ouvido por este jornal lembrou que pelo menos dois desses bancos, o Bank of America e o Manufacturers Hano-

ver, são citados pela imprensa como ainda muito afetados por seus empréstimos ao Terceiro Mundo.

“Eu li hoje no The New York Times, na manchete do caderno de economia, que a crise da dívida acabou”, ironizou o banqueiro. “Mas eu me lembro de ter ouvido a CBS e o The New York Times dizerem a mesma coisa tão cedo como em 1985. Eu sei que os jornalistas não gostam de escrever muito tempo sobre o mesmo assunto, mas temo que terão de escrever sobre esse por algum tempo ainda”, acrescentou.

O banqueiro reconhece, porém, que os bancos norte-americanos estão hoje numa situação bem melhor do que em 1982, quando o México anunciou que não podia pagar sua dívida e a crise eclodiu. Mais ainda, “eu devo dizer que vários países estão hoje numa situação muito melhor do que estavam em 1982, como o Brasil, que está ainda melhor do que quando declarou a moratória em 1986”, argumentou.

Mas Seidman e outro depoente do governo, o chefe do Office of the Comptroller of the Currency, Robert Clarke,

(Continua na página 2)

“A crise da dívida ainda...”

por Getúlio Bittencourt
de Nova York
(Continuação da 1ª página)

mostraram que os bancos não vão mais para a bancarrota com a dívida do Terceiro Mundo, porque foram obrigados a ampliar seu capital primário nos últimos anos. Reflexos da melhoria da situação dos bancos alcançam até a população como um todo.

PREOCUPAÇÃO

O débito estrangeiro para os bancos americanos preocupava 11% da população norte-americana em 1984, segundo uma pesquisa da Cambridge Reports Trends & Forecasts e era a terceira maior preocupação popular com a eco-

nomia norte-americana. A mesma questão, repetida em dezembro último, preocupava apenas 7% da população, e era a sexta fonte de inquietação dos entrevistados.

Simultaneamente, a confiança popular no sistema financeiro e bancário dos Estados Unidos vem crescendo, como demonstrou a pesquisa anual do jornal American Banker, do grupo Thomson, “Voice of the Consumer”. Em 1985, 48% dos norte-americanos tinham alguma confiança no sistema e 37% tinham muita. No ano passado, 51% passaram a ter alguma confiança e 36%, quase o mesmo número, continua tendo “muita confiança”.